



## S. Jerónimo: Epístola CXXIII

*“As invasões e a decadênci a urbana”*

**Trabalho da disciplina de História Medieval – Economia e Sociedade, regida pela  
Prof.<sup>a</sup> Manuela Santos Silva**

Filipe Paiva Cardoso

Nº 48782

Lisboa, Novembro de 2013

## **Introdução.**

São Jerónimo é ainda hoje uma das mais importantes personagens da história do Cristianismo, tendo sido escolhido pelo Papa Dâmaso I para seu secretário pessoal e ficado com a responsabilidade de rever a versão latina que então existia da Bíblia, pejada de passagens mal traduzidas, voluntária ou involuntariamente. Jerónimo criou assim a chamada *Vulgata Latina*, aquela que ainda hoje é a versão oficial da Bíblia para Roma. Este religioso viveu também na primeira pessoa a época dos ataques bárbaros ao Império Romano, cruzando-se ao longo da sua vida com vários romanos caídos em desgraça depois das investidas germânicas.

Nesse sentido, encontramos na extensa coleção de cartas de São Jerónimo não só uma ideia sólida do pensamento cristão mais ortodoxo daquele período como também vários relatos sobre as atrocidades cometidas por Godos, Vândalos, Alanos ou Hunos nas suas investidas. A riqueza das suas missivas, todavia, não se limita aos relatos dos abusos dos povos bárbaros, já que as descrições que nos deixou servem igualmente para perceber as sensações, razões e perspectivas que na altura os romanos foram tendo em relação à entrada de bárbaros no seu território, inviolável desde os tempos de Aníbal, salvo pontuais exceções.

Angústia, horror, pânico e fome são palavras que automaticamente vêm à cabeça quando se tenta resumir as ideias que encontramos nas cartas onde o tema das invasões bárbaras é abordado, com São Jerónimo a não se coibir de apontar as causas e razões que acredita que estão na génese da queda de Roma. No campo das causas, são muitas as que vão sendo identificadas, desde a entrega ao ócio, a má hierarquização de prioridades, a vaidade e a cegueira de poder, por exemplo, com São Jerónimo a justificar através de todas estas a hecatombe que se abateu sobre Roma.

Partindo de uma das suas cartas, escrita a Ageruchia, amiga recentemente enviuvada, começamos este trabalho por analisar o percurso de São Jerónimo, um caminho que nos levará às críticas que foi deixando ao estilo de vida romano e, de seguida, aos desabafos, relatos e mesmo súplicas que escreveu a propósito da entrada dos bárbaros em Roma. Chegados às referências aos povos bárbaros, focamo-nos em detalhe na carta que por nós foi analisada, avançando de seguida com uma breve síntese sobre a decadência gradual do Império Romano até à data da carta de São Jerónimo a Ageruchia, de 409 d. C.

## **Jerónimo. Homem de Fé, sem Fé nos homens.**

Nasceu em 341, em Stridon, “nos confins da Panónia, Dalmacia e Itália, perto de Aquileia”. Educado pelo Pai, foi estudar para Roma onde aprendeu Latim e Grego, já que a sua língua mãe era o Ilídio. Passou três anos na capital do Império, período suficiente para perceber que não se enquadrava no tipo de cristianismo e vida praticada naquela cidade, sentindo-se mesmo “escravizado pela vaidade e outras fraquezas”, como terá confessado mais tarde, segundo Fr. Alban Butler<sup>1</sup>.

Em 370 estabeleceu-se algum tempo em Aquileia, onde travou amizade com Heliodoro com quem trocaria correspondência ao longo da vida. Foi já em 374 que chega a Antioquia, onde adoece pouco depois. Enquanto luta para debelar a doença (não revelada) que já tinha vencido dois dos seus amigos, é assaltado por uma visão de Cristo que o leva a condenar-se a um exílio de quatro anos em Chalcis, uma terra quase deserta a sudeste de Antioquia. “Neste exílio e prisão para o qual, por temer o Inferno, voluntariamente me condenei, sem outra companhia além de escorpiões e bestas selvagens, muitas vezes imaginei-me no meio das danças das matronas romanas. A minha cara empalecia mas a minha vontade era assaltada pelo desejo: no meu corpo frio e na minha carne, que parecia morta antes da morte, a paixão conseguia viver. Sozinho com este inimigo, atirei o meu espírito aos pés de Jesus, molhando-os com lágrimas, e domestiquei a minha carne através da abstinência de comida durante semanas. Não tenho vergonha em revelar as minhas tentações (...). Muitas vezes uni a noite e o dia a chorar e a bater no meu peito até recuperar a calma.” Foi com estas palavras que Jerónimo resumiu este seu exílio, ainda segundo Alban Butler. Este autor acrescenta que Jerónimo, além das austeridades corporais com que se castigava, optou também por estudar Hebraico como forma de contrariar os desejos. “Em último recurso, tornei-me aluno de um monge que tinha sido Judeu, para aprender com ele Hebraico.”

Depois de quatro anos de guerra interior em Chalcis, Jerónimo acaba por afastar-se da região por não querer tomar outro partido que não o do Papa numa disputa religiosa local. Viajou até Constantinopla para estudar as sagradas escrituras sobre orientação de Gregório de Nazianzo, Patriarca de Constantinopla, teólogo e escritor cristão. Em 382, São Gregório deixa Constantinopla e Jerónimo regressa a Roma para participar no Concílio organizado pelo Papa Damásio I, nascido em Guimarães. Com o fim do Concílio, o Papa decidiu convidar Jerónimo a trabalhar com ele, encarregando-o de fazer uma revisão das versões latinas existentes da Bíblia, transfiguradas por falsas transcrições, correcções desastrosas e interpoções exageradas<sup>2</sup>.

Pouco tempo depois, com a morte de Damásio I, em 384, Jerónimo dá por si em Roma desprotegido como nunca, já que o estatuto que tinha como secretário do Papa chegou ao fim. Mal visto por cristãos e pagãos da cidade, já que a ambos dedicou duríssimas críticas nos dois anos que passou com o Papa sobre os seus modos de vida e prioridades<sup>3</sup>, decide abandonar

---

<sup>1</sup> BUTLER, Fr. ALBAN, *Lives of the Saints – St. Jerome (September 30)*, exemplar policopiado disponível em PDF em <http://www.u.arizona.edu/~aversa/jerome.pdf>

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*

<sup>3</sup> Em duas das suas cartas, a primeira em defesa de Blesilla, uma viúva jovem e a segunda dirigida a S. Kuatochium, S. Jerónimo foi especialmente crítico em relação à vida em Roma, conta-nos Fr. Alban Butler, na obra já citada. Na carta em defesa da virtude da jovem, Jerónimo contrapõe a vida “daqueles que pintam as bochechas de vermelho e os seus olhos com antimónio [cosmético então usado]; cujas faces embriagadas, demasiado brancas para um ser humano, fazem parecer ídolos, e se num momento de esquecimento deixam uma lágrima escapar, esta cria um rastro por onde rola pela bochecha pintada; aqueles cujos anos não trazem a gravidade da idade, que colocam na cabeça o cabelo de outras pessoas, que pintam uma juventude perdida em cima das rugas da idade”. Já na carta a S. Kuatochium, o ataque é dirigido ao clero de Roma: “Toda a ansiedade que transportam é por causa da roupa... Mais

novamente a cidade italiana. “Que Roma fique com as suas multidões, deixem o sangue correr nas arenas, os seus circos que os levem à loucura, que os seus teatros os enchem com luxúria e, para não esquecer os nossos amigos [clérigos de Roma], que o Senado de Mulheres os receba nas suas visitas diárias.”

Em Belém encontra anos de maior paz pessoal, dedicando-se a traduzir os livros do Antigo Testamento directamente do Hebraico, revisitando novamente o Livro dos Salmos. A tradução que fez ao longo destes anos foi posteriormente validada como a “versão oficial” da Bíblia pelo Concílio de Trento, um título que ainda hoje detém – chamada de *Vulgata Latina*. Jerónimo acabaria por morrer em 420, mas ainda antes de terminar as suas traduções da Bíblia interrompeu esse trabalho por uma única razão: “Quem iria acreditar que os filhos daquela poderosa cidade [Roma] iriam ser um dia servos e escravos nas costas do Egipto, de África? Que Belém iria receber diariamente nobres romanos, senhoras distintas elevadas em riqueza e agora reduzidos a pedintes? Não os posso ajudar a todos, mas lamento e choro com eles, e, completamente entregue aos deveres que a caridade me impõe, deixei de lado o meu comentário a Ezequiel e quase todos os estudos. Porque hoje devemos traduzir as palavras das Escrituras em acções, e em vez de falarmos palavras santas temos que agir conforme elas ditam<sup>4</sup>. ”

Os encontros de Jerónimo com os efeitos do declínio em que o Império Romano tinha entrado foram, contudo, mais alargados do que este último relato, já por si bastante expressivo. Nas suas cartas ou Epístolas, o impacto, efeitos, actos e destruição que os povos bárbaros espalharam um pouco por todo o Império Romano do Ocidente e do Oriente, foram temas recorrentemente abordados. Ainda antes da missiva que analisaremos no ponto seguinte do trabalho, cerca de 13/14 anos antes, Jerónimo já tinha abordado de forma especialmente brilhante as invasões bárbaras que Roma ia sofrendo, neste caso focando-se tanto na parte oriental como ocidental do Império. Falamos da carta de São Jerónimo a Heliodoro, a “Epístola LX<sup>5</sup>”, escrita para dar os pêsames ao então Bispo de Altinum pela morte do seu sobrinho, e que se tornou num dos seus escritos mais conhecidos. “Já não são as catástrofes pessoais de alguns infelizes que eu vou narrar, mas o descalabro de toda a humanidade, pois é com horror que o meu espírito prossegue com a exposição da ruína dos nossos tempos”, diz a dada altura. “O Oriente parecia imune a estes desastres, cuja notícia bastava para os consternar. Mas eis que o ano passado, desde os últimos rochedos do Cáucaso, se precipitaram sobre nós os lobos, não da Arábia, mas do norte. Em pouco tempo percorreram inúmeras províncias. Quantos mosteiros capturados<sup>6</sup>. ”

Conhecendo já o sentido crítico com que Jerónimo olhava para a vida nas cidades do Império, sobretudo em Roma, não é de estranhar que na carta a Heliodoro veja em todos os pecados que identificou na vida da cidade a culpa do “universo romano desabar”. No escrito a Heliodoro sentencia: “É por causa dos nossos pecados que os bárbaros são fortes, o exército romano foi vencido pelos nossos vícios. E, como se tais desastres não bastassem, as guerras civis matam mais pessoas do que o gládio do inimigo.”

Mais tarde, um ano depois do texto que abordamos neste trabalho, Jerónimo escreveria também sobre a captura de Roma, em 410: “A luz mais brilhante de todo o mundo extinguiu-se; na verdade foi cortada a cabeça do Império Romano. Para pôr as coisas de forma mais verdadeira,

---

*parecem novos acabados de casar do que clérigos; tudo em que pensam é saber os nomes, as casas e os hábitos das senhoras ricas*”. Ambas as citações são retiradas do trabalho de Fr. Alban Butler.

<sup>4</sup> BUTLER, Fr. ALBAN, *op. cit.*

<sup>5</sup> Exemplar integral e policílico disponível em <http://www.newadvent.org/fathers/3001060.htm>

<sup>6</sup> *Idem*

todo o mundo morreu com uma só cidade. Quem teria acreditado que Roma, que foi construída a partir de vitórias em todo o mundo, cairia, para que fosse quer a Mãe quer a tumba para todos os povos<sup>7</sup>.” Um epitáfio que para Bryan Ward-Perkins “foi decididamente prematuro”, mas por apenas três décadas<sup>8</sup>. Já outros autores situam a ‘morte’ de Roma até antes, nomeadamente na derrota em Adrianópolis, em 378: “Poderíamos deter-nos aqui, porque de Roma nada mais resta: crenças, instituições civis, organização militar, artes, literatura, tudo desapareceu e a invasão começou: Fritigerno chegou até junto dos muros de Constantinopla; dentro de alguns anos, Alarico tomará Roma”, refere Victor Duruy, citado por Ferdinand Lot<sup>9</sup>.

### **Invasões e decadência urbana.**

A violência dos bárbaros, os pecados, a decadência das cidades (e nas cidades) e as guerras civis são as razões que Jerónimo vai encontrando para explicar aquilo que para ele seria impossível até ver acontecer. A carta que nos foi dada a trabalhar, a “Epístola CXXIII<sup>10</sup>”, foi uma missiva escrita por Jerónimo à sua amiga Ageruchia, então viúva. Ageruchia, uma senhora da aristocracia da Gália, é aconselhada por Jerónimo a não voltar a casar e, considerando a alusão que é feita ao tratado entre Alarico e Estilicão na carta, os estudos mais recentes apontam para que tenha sido escrita por volta de 409.

Depois de dedicar cerca de dois terços da carta a explicações segundo as quais Ageruchia não deveria voltar a casar, Jerónimo muda subitamente de assunto: “Vou agora comentar em breves palavras as nossas presentes misérias.”

É precisamente nestas breves palavras que nos vamos agora concentrar. Segundo o relato que faz a Ageruchia, contam-se já “inumeráveis tribos” que “ocuparam todas as partes da Gália”. Entre Quados, Vândalos, Sármatas, Alanos, Gépidas, Hérulos, Saxões, Burgúndios, Alamanos e também Panónios, são dez os povos que identifica como agressores. Além da identificação dos povos, Jerónimo situa-nos também geograficamente referindo que estes bárbaros já arrasaram “toda a região entre os Alpes e os Pirinéus, entre o Reno e o oceano”, reiterando desta forma mais detalhada que queria mesmo dizer “todas as partes da Gália” e que não incorria em qualquer exagero.

Logo após citar os dez povos bárbaros que estavam a atacar o Império Romano, S. Jerónimo cita imediatamente uma passagem do Livro dos Salmos (83), fazendo desta forma um paralelismo com algo que Israel já viveu, mas sem se alongar mais na comparação. Falamos do recurso à frase “*Porque Assur também está junto com eles*” (83:8) que surge na carta a propósito dos bárbaros. Esta é uma citação do Livro dos Salmos<sup>11</sup> onde há um apelo a uma intervenção divina para a salvação de Israel – “Ó Deus, não te emudeças; não fiques em silêncio nem te detenhas, ó Deus” (83:1) –, que enfrentava então uma coligação de dez povos – tantos quanto Roma enfrentava. “Eles dizem: ‘Venham. Vamos destruí-los como nação, para que o nome de Israel não seja mais lembrado’” (83:17). Nesta coligação não estão apenas povos, mas também Assur, deus Assírio. De regresso à carta, Jerónimo desabafa pouco depois que fará “silêncio

<sup>7</sup> Citado em WARD-PERKINS, Bryan, *A Queda de Roma e o fim da civilização*, 3ª edição, Aletheia Editores, Lisboa, 2005, p. 45

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem*, p.49

<sup>9</sup> LOT, Ferdinand, *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*, Edições 70, Lisboa, 2008, p. 198

<sup>10</sup> Exemplar integral e policado disponível em <http://www.newadvent.org/fathers/3001123.htm>

<sup>11</sup> Em <http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/antigo/Sapienciais/Salmos.pdf> , p.68/69

sobre outros lugares para não parecer desesperar da misericórdia divina”, razão pela qual vemos na escolha desta passagem e a sua conjugação com a citação do Livro dos Salmos, um apelo subentendido à intervenção divina para a salvação de Roma – isto apesar dos pecados do império que o próprio S. Jerónimo identificou ao longo da sua vida.

Nomeados os povos e a região em causa, S. Jerónimo dedica algumas linhas às cidades vítimas dos bárbaros, levando-nos numa espécie de cronologia geográfica pelo avanço destes mesmos povos. Depois de enquadrar os ataques entre o Reno e o oceano e entre os Alpes e os Pirinéus, o autor escolhe a ordem das cidades num claro sentido Norte-Sul, ainda que com um ou outro desvio: Mainz, Worms, Reims, Amiens, Arras, Tournais, Speyer, Estrasburgo, Lyon, Narbonne e Toulouse são as cidades nomeadas pelo autor, que deixa um roteiro claro do caminho levado pelos bárbaros, povos sobretudo nómadas, que, mesmo sem avançar sempre na mesma direcção, tomaram um caminho claro, como podemos constatar no mapa em baixo.

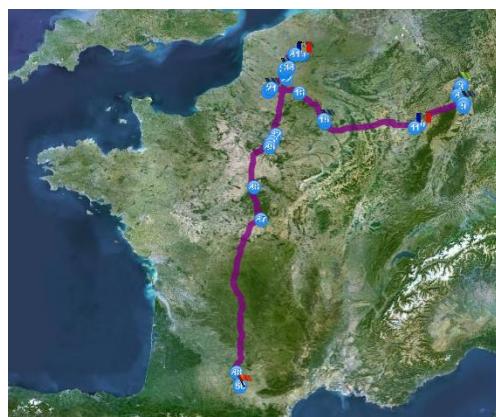


Fig. 1: Reconstrução do “roteiro” dos Bárbaros desde a entrada na Gália relatado por S. Jerónimo, começando na bandeira verde (Mainz), terminando na bandeira vermelha (Toulouse)

Ao olhar para a Fig. 1, fica de certo modo claro qual o principal objectivo destes bárbaros, a chegada à costa europeia do Mediterrâneo, fonte maior da riqueza de Roma, e, a partir daí, preparar o avanço sobre o Norte de África e Cartago, algo que foi conseguido pelos Vândalos já em 439, mas já antes tentado (ou projectado pelo menos) pelos Godos. A riqueza de toda a região costeira mediterrânea seria aliás o objectivo essencial destes bárbaros. Explica-nos Henri Pirenne a este propósito que “não pode causar espanto ver os germanos, desde o início das invasões, esforçarem-se por atingir essas mesmas margens [do Mediterrâneo] para aí se estabelecerem”, relembrando que desde que “as fronteiras cedem pela primeira vez”, “os Quados e os Marcomanos, invadem a Itália, os Godos marcham sobre o Bósforo, os Francos, os Suevos, os Vândalos, que atravessaram o Reno, longe de se retardarem, dirigem-se imediatamente para a Aquitânia e para a Espanha. Não pensam em fixar-se nas zonas setentrionais, de que são vizinhos. Manifestamente cobiçam essas regiões abençoadas”. O interesse pelo Mediterrâneo fica evidente quando os reinos bárbaros começam já a formar-se no seio do Império Romano do Ocidente – os Vândalos em África, os Visigodos na Aquitânia e em Espanha ou os Ostrogodos em Itália. “Esta nomenclatura é significativa. Não comprehende, vemo-lo, senão países do Mediterrâneo, e nada mais é preciso para mostrar que o objectivo dos vencedores (...) era o mar, este mar que durante largo tempo os romanos chamaram *Mare Nostrum*. É para ele que sem excepção todos se dirigem, impacientes por se estabelecerem sobre as suas margens e desfrutarem da sua beleza<sup>12</sup>.”

<sup>12</sup> PIRENNE, Henri, *As cidades na Idade Média*, Publicações Europa-América, 6ª Edição, Lisboa, 2009, p. 11

Além do roteiro propriamente dito, São Jerónimo deixa-nos também na missiva o relato sobre a acção dos bárbaros e os seus efeitos nas vilas e cidades saqueadas, invadidas ou atacadas. Na igreja de Mainz, salienta, “muitos milhares foram massacrados”. Já em Worms, só “um longo cerco” conseguiu quebrar esta “poderosa cidade”.

Este tipo de relatos bastante gráficos sobre a violência dos invasores bárbaros aquando da invasão de cidades romanas são bastante comuns nas várias fontes da época e se até há pouco tempo a historiografia tinha tendência para diminuir a violência com que os bárbaros entraram no império, realçando o facto das fontes serem tendenciosas e de procurarem exagerar a actuação destes povos, preferindo antes ver a chegada destes como uma “acomodação” no espaço romano, agora a tónica volta a assentar na ideia de uma época de terror. A invasão bárbara trouxe horrores “de um tipo que sinceramente espero nunca ter de viver; e destruiu uma civilização complexa, atirando os habitantes do Ocidente de volta a um padrão de vida típico da época pré-histórica”, diz-nos Ward Perkins<sup>13</sup>. Com alguma ironia o mesmo autor critica quem relativiza a violência dos bárbaros, quando lembra uma carta de Leão, bispo de Roma, sobre a forma como a Igreja deveria lidar com as freiras violadas pelos Vândalos. “Estas desgraçadas freiras e o bispo Leão ficariam muito surpreendidos, e bastante chocados, por saber que é agora moda menosprezar a violência e dissabor das invasões que derrubaram o império no Ocidente<sup>14</sup>.”

### **Declínio romano.**

Para entendermos na totalidade o conteúdo da missiva de S. Jerónimo no centro desta análise, elaboraremos de seguida uma breve síntese do declínio de Roma e dos eventos imediatamente anteriores à data da epístola CXXIII de S. Jerónimo, provavelmente escrita em 409.

O modelo de crescimento em que assentou o Império Romano desde que em 338 a. C. passou a dominar os seus aliados da Liga Latina, privilegiou sempre a expansão territorial para alimentar as crescentes necessidades de poder, riqueza e de melhores condições de vida para os romanos, um modelo que nos primeiros c. 200 anos (338 a.C. a 146 a.C.) trouxe para a Península Itálica o controlo do Mediterrâneo Ocidental, Egeu e Península Ibérica, mas que acabou por esgotar-se no principado de Trajano (98 - 117 d. C.), quando o império atinge a sua dimensão máxima e as grandes conquistas cessam. Seguem-se os imperadores Adriano e Antonino, com principados relativamente calmos em relação a estes aspectos mais bélicos. Posteriormente, Roma entra então num novo capítulo da sua história: há quem diga que o fácil é chegar ao topo, difícil mesmo é aguentar esse posto. Roma, em pouco mais de 200 anos, acabaria por perceber porquê.

Foi já com Marco Aurélio (161-180) que Roma começa a entrar neste novo ciclo<sup>15</sup>, sendo arrastada para uma desgastante e contínua batalha de defesa das suas fronteiras, um tipo de guerra muito menos lucrativo, aliciante ou recompensador para generais e legiões. Tal como na Grécia aquando da ascensão de Alexandre na Macedónia, também estes invasores do Império Romano são rapidamente rotulados como “bárbaros”, mas não seja porque não falavam, viviam, vestiam ou comiam segundo os parâmetros de Roma – que então se considerava o topo da civilização.

---

<sup>13</sup> WARD-PERKINS, *op. cit.*, p.244

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p.25

<sup>15</sup> LOT, *op. cit.*, p. 191 e seguintes

Entre estes bárbaros os mais temidos vieram a ser, por mérito próprio, os Germanos, responsáveis por violentos golpes sobretudo a Ocidente que, a pouco e pouco, foram destruindo a confiança do cidadão romano no carácter indestrutível que atribuía ao conceito de Roma.

Nos c. 150 anos entre o início do principado de Marco Aurélio e o começo do reinado de Constâncio II (317 – 361), as incursões bárbaras foram sendo, com mais ou menos dificuldade, contidas dentro do possível por Roma. Foi só quando o Império se começou a concentrar demasiado em guerras internas, entre Imperadores e usurpadores, que os bárbaros começaram a encontrar sérias oportunidades para entrar e instalarem-se em pleno império. São as tais guerras civis que Jerónimo também identificará como causas da queda do Império – “as guerras civis matam mais pessoas do que o gládio do inimigo”, disse Jerónimo a Heliodoro, como já vimos.

Enquanto Constâncio é obrigado a concentrar-se na ameaça que Magnêncio passa a representar (entre 350-353), Francos e Alamanos atravessam o Reno, chegando à Gália. Esta primeira incursão relevante é, porém, rapidamente debelada assim que o usurpador é afastado de cena. Juliano César, primo e sucessor de Constâncio, devolve ambos os povos para lá do Reno – à excepção de uma pequena parte dos Francos, que são aceites na Gália mas sobre autoridade do Império. Juliano segue depois para Oriente, morrendo pouco depois na Mesopotâmia, ficando a defesa do Ocidente a cargo de Valentiniano (364-375).

Este imperador já é confrontado com dificuldades acrescidas: Gália, Bretanha e o Danúbio voltam a ser alvo de incursões significativas de bárbaros, obrigando Roma a esticar o mais possível as suas linhas defensivas, o que aumenta as probabilidades de insucesso na defesa das fronteiras. Seja pela guerra ou diplomacia – negociando alianças com alguns bárbaros para se virarem contra outros a troco da sua aceitação em território romano – Valentiniano vai conseguindo conter as diversas ameaças que pairam no Império, ainda que vá sendo obrigado a cada vez maiores cedências – bem maiores que aquelas de Juliano, por exemplo.

## A Oriente.

Por esta mesma época, a Oriente, o império vive um período igualmente conturbado, com povos bárbaros a terem que ser aceites em terras romanas como federados. Esta política de “existência tolerada”, contudo, sofre um enorme revés quando o Arianismo é rotulado como heresia, isto numa altura em que tanto Godos como Vândalos, por exemplo, já eram cristãos arianos. Este carimbo de heresia às religiões dos bárbaros – que se converteram ao cristianismo ariano ainda este era um dogma aceite – acabou por agudizar ainda mais o fosso entre o que os unia e o que os separava de Roma<sup>16</sup>.

Um outro verdadeiro e real problema, contudo, estava a nascer ainda mais a Oriente, bem para lá das fronteiras romanas. Falamos da ascensão de um novo povo, que acabará por obrigar Roma e os bárbaros a esticarem a sua relação até ao ponto de não retorno – especialmente para Roma. A migração dos Hunos em direcção à Europa inicia-se perto do ano da morte de Valentiniano. Com a maioria dos Godos ainda instalados em grande parte da actual Rússia, a ascensão dos Hunos, empurrados tudo indica pelas poderosas dinastias chinesas de então, vai provocar uma enorme deslocação (em dominó, diríamos) de todos os bárbaros que, para conseguirem resistir a este novo povo nómada e guerreiro, são obrigados a deslocarem-se para

---

<sup>16</sup> LOT, *op.cit*, p. 193 e seguintes

Ocidente. Na sua migração para Oeste, os Hunos acabam por absorver os Alanos, iranianos nómadas, e também parte dos Godos instalados na Rússia. Mas não todos: Parte destes Godos foge para Oeste, para o Dniepre e depois para os Cárpatos, atravessando pouco depois o Danúbio. É nesta altura que morre Valentiniano, provocando um novo foco de problemas ao Império Romano.

Na fuga dos Godos para Oeste, estes “bárbaros” vivem nova divisão entre si, criando-se diversas facções de Godos que, apenas mais tarde, se voltarão a reunir mas só parcialmente e junto do Danúbio, assumindo a partir daqui a denominação de Visigodos. A instalação do “lado de cá” do Danúbio, no ano de 376, foi feita através de um acordo com Roma, depois destes bárbaros terem pedido “protecção” ao império contra o avanço dos Hunos. Mas este rapidamente é rasgado: “O acordo com os Romanos bem depressa vem a romper-se. Os Godos queixaram-se de serem oprimidos e explorados. E, por outro lado, a estes bandos era-lhes quase impossível manterem-se tranquilos”, explica-nos Ferdinand Lot<sup>17</sup>. Os Godos decidem assim prosseguir na sua avançada para o interior do império, colocando os olhos na Macedónia e na Méssia como próximos alvos. Cabe a Valente (imperador do Oriente entre 364 e 378) responder a esta agressão dos Visigodos. A 9 de Agosto de 378, em Adrianópolis, dá-se o recontro entre romanos e estes bárbaros, resultando numa estrondosa derrota para o império e na morte de Valente. A decadência de Roma, mesmo já sendo antes apontada, leva nesta data o carimbo de certeza inquestionável. Os destinos de Roma Oriental e de Roma Ocidental a partir desta data já serão também muito influenciados pela capacidade dos seus imperadores distintos.

Graciano, sobrinho de Valente e então já imperador do Oriente, nomeia Teodósio para suceder ao seu tio. Este, ao final de mais quatro anos de guerra com os Godos, acaba por assinar um tratado de paz com os mesmos, em 382. Este novo tratado resulta numa inversão da relação entre os dois povos, com os Godos a entrarem mais facilmente na sociedade e hierarquias militares do Império, à imagem aliás de vários outros povos bárbaros – sobretudo os já instalados dentro do perímetro de Roma aquando do édito de Caracala, em 212, que concedeu a cidadania a todos os homens livres que vivessem no Império. Desde essa data que o exército romano passou a estar “infiltrado” por bárbaros ou romanos de origem bárbara, uma infiltração necessária contudo, segundo diz-nos Ferdinand Lot. “O Império teria certamente vindo a sucumbir se não tivesse desenvolvido a prática de incluir bárbaros no seu exército. Pode dizer-se (...) um exército ‘romano’ possui tanto mais valor militar quanto menos romanos contiver e mais bárbaros o integrarem<sup>18</sup>. ” A culpa disto, identifica o mesmo autor, reside na imposição das castas militares, que obrigavam os filhos de soldados a seguirem a mesma carreira, o que leva o exército a cair também ele numa “rigorosa servidão” que acaba por encher as fileiras militares com romanos contrariados, “a *militia* torna-se numa autêntica vergonha. O seu rendimento militar é absolutamente medíocre”, diz-nos Lot.

Se a Oriente a situação até acalmou um pouco com a paz assinada entre Teodósio e os Godos, no ano seguinte, a Ocidente, a situação foi a oposta: Graciano é assassinado em 383, depois de perder o apoio das tropas no embate contra um usurpador, Máximo, numa deposição a que Teodósio optou por não responder depois de só há pouco tempo ter conseguido libertar-se de um pesado confronto com os Godos – além disso, tal como Teodósio, este usurpador era da Hispânia. Em troca da não intervenção, Máximo assegurou que as suas pretensões de poder não iriam além da Gália, Bretanha e Península Ibérica – promessa que durou apenas quatro anos,

---

<sup>17</sup> LOT, *op.cit.*, p. 197

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 113

obrigando então à intervenção de Teodósio para recuperar a Itália ao seu compatriota. Este exército de “Reconquista”, notam os historiadores, era composto por Godos, Alanos e Hunos, sinal dos novos tempos que se viviam em Roma, e foram enviados por Teodósio. Máximo foi decapitado em Agosto de 388.

### **Novos tempos, novos destinos.**

Até à data da missiva de Jerónimo a Ageruchia, o lado Ocidental do império foi bastante afectado pela continuação da agitação interna que já no século IV passou facturas elevadas. Entre 407 e 413, Honório foi desafiado várias vezes por usurpadores, tanto romanos como fantoches dos bárbaros, como Átalo pelos Godos, a que se junta Constantino III e Jovino, na Gália, a renovação das pretensões de Máximo, já antes referidas, ou mesmo Heracliano em África. “Percebe-se que o que o império necessitava durante esses anos era de um esforço concertado e unido contra os Godos (...) e contra os Vândalos, Suevos e Alanos (...). O que teve em vez disso foram guerras civis, que gozavam com frequência de prioridade sobre a luta contra os bárbaros”, explica-nos Ward-Perkins<sup>19</sup>. Veja-se como exemplo: em 407 Constantino III entrou na Gália como pretendente do Império vindo da Britânia e em 408 iniciou-se a invasão da Itália pelos Godos, que não pode assim contar para a sua defesa com os exércitos romanos estacionados a Norte, seja por estarem em guerra contra Constantino III ou por se terem aliado a este.

A sucessão de pretendentes e de usurpadores ao lugar de Honório terá também resultado da incapacidade demonstrada pelo Imperador na defesa do império, que levou muitos a defenderem a ascensão de um governo forte. A multiplicação de pretendentes acabou por enfraquecer ainda mais o Império Romano do Ocidente que, assim, virou um alvo mais fácil para as pretensões bárbaras, já que a Oriente a situação era quase totalmente inversa. A estabilidade interna do Oriente resultou em menos perturbações e permitiu a alocagem da maioria dos recursos ao combate dos invasores, levando a que os bárbaros se concentrassem mais no Ocidente.

A diferença entre a estabilidade do Oriente e a instabilidade do Ocidente veio assim da forma de sucessão vigente em cada um dos lados do Império Romano. “O Oriente teve a sorte de ser governado por uma figura militar competente e bem experimentada, Teodósio, que foi especificamente escolhido e nomeado fora das fileiras da família imperial para lidar com a crise. Por contraste, o governante do Ocidente durante os anos de crise que se seguiram à entrada dos godos em Itália em 401 e à grande travessia do Reno em 406, foi o jovem Honório, que chegou ao trono apenas por uma questão de sangue e sucessão e que nunca alcançou qualquer estima como líder militar ou político<sup>20</sup>.” No lado Oriental, este facto foi especialmente importante nos anos imediatamente a seguir à derrota em Adrianópolis, de 378. Teodósio ascendeu logo em 379 e, dada a sua experiência, rapidamente evitou conflitos internos, estabilizou o Império e iniciou a reconsolidação do mesmo – ao ponto de conseguir repelir uma revolta de dois generais germânicos do Império do Oriente logo em 399/400, que chegou a ameaçar Constantinopla.

---

<sup>19</sup> WARD-PERKINS, *op. cit.* p. 65

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 69

## **Conclusão.**

“Não quero, aliás, escrever História, mas sim chorar, ainda que abreviadamente, as nossas infelicidades. De resto, para descrever estes acontecimentos como merecem, os próprios Tucídides e Salústio ficariam mudos.” O tom dramático das cartas de São Jerónimo em que aborda as invasões bárbaras são dos aspectos que mais retemos na leitura atenta destas missivas. O autor, além de enumerar as diferentes atrocidades cometidas em cada cidade ou povoado, tanto na carta que analisámos como em outras, também parte para uma análise mais aprofundada do grande significado de tudo o que está a ver: as catástrofes que relata, diz, “já não são de alguns infelizes” mas representam antes “o descalabro de toda a humanidade.”

A chegada dos bárbaros a Roma e a sua gradual estabilização por aquelas paragens foi vista pelos romanos como o fim do mundo civilizado, sendo hoje possível argumentar que terá sido quase isso que ocorreu depois da queda do Império Romano do Ocidente, com Ward-Perkins, por exemplo, a falar num regresso à época pré-histórica, numa passagem já antes citada neste trabalho. Infelizmente, o trabalho de São Jerónimo só nos consegue transportar até 420, data da sua morte, ainda bastante longe do tal regresso à pré-história, mas o próprio já adivinhava em 410 como o futuro seria negro: “A luz mais brilhante de todo o mundo extinguiu-se; na verdade foi cortada a cabeça do Império Romano”, comentou a propósito do saque a Roma daquele ano.

Além da antecipação de um futuro sombrio para Roma, Jerónimo deixou-nos também uma série de razões que, a seu ver, contribuíram para a queda, dando primazia aos pecados de Roma na culpa da entrada dos bárbaros. “Sentimos que há muito Deus está ofendido, e que nós nada fazemos para o aplacar. É por causa dos nossos pecados que os bárbaros são fortes, o exército romano foi vencido pelos nossos vícios.” Além das críticas ao estilo de vida que os romanos levavam, também a ambição desmesurada que São Jerónimo identificou no advento de várias guerras civis entre Imperadores e usurpadores foram em muito responsáveis pela queda do Império, tendo sido este último ponto um dos focos do capítulo onde nos dedicámos a sintetizar o declínio romano.

Mesmo aceitando que os relatos feitos pelas fontes da época poderão exagerar um pouco as atrocidades cometidas pelos Bárbaros, de forma a justificar com mais veemência o próprio epíteto de ‘Bárbaros’, tal não significa que se deva desvalorizar por completo os relatos que nos chegam sobre essa época. E, mesmo aceitando que São Jerónimo possa ter exagerado na descrição dos horrores por que os romanos passaram, dificilmente terá exagerado na elencagem de factores que identificou como responsáveis pela facilidade com que diferentes povos entraram no Império. É que neste caso a intenção do autor é instigar os romanos a mudar de atitude, algo que só seria possível caso estes se identificassem com o diagnóstico feito por Jerónimo. Um diagnóstico que felizmente ainda temos hoje e que representa uma importante peça da reconstrução do puzzle do declínio do Império Romano.

## Bibliografia

BUTLER, Fr. ALBAN, *Lives of the Saints – St. Jerome (September 30)*, exemplar integral e policopiado disponível em <http://www.u.arizona.edu/~aversa/jerome.pdf>, consultado em Outubro e Novembro

LOT, Ferdinand, *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*, Lisboa, Edições 70, 2008

PIRENNE, Henri, *As cidades na Idade Média*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 6ª Edição, 2009

St. JERÓNIMO, *Epístola CXXIII – Carta a Ageruchia*, exemplar integral e policado disponível em <http://www.newadvent.org/fathers/3001123.htm> - consultado em Outubro e Novembro

St. JERÓNIMO, *Epístola LX – Carta a Heliodoro*, exemplar integral e policado disponível em <http://www.newadvent.org/fathers/3001060.htm> - consultado em Outubro e Novembro

WARD-PERKINS, Bryan, *A Queda de Roma e o fim da civilização*, Lisboa, Aletheia Editores, 3ª edição, 2005